

# Estado no pódio dos salários

**Pesquisa do IBGE mostra que os salários pagos no Estado só perdem para Distrito Federal e Rio**

FERNANDO GODDY

Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostrou ontem que o Espírito Santo ocupa o terceiro lugar no ranking de salários no Brasil.

Os dados valem para profissionais com nível superior (com mais de 12 anos de estudo). O capixaba que pertence a esse grupo recebe em média R\$ 14,20 por hora trabalhada, perdendo apenas para o Distrito Federal com R\$ 21,30 e para o Rio de Janeiro com R\$ 16,00 por hora trabalhada.

Considerando uma pessoa com carga horária de oito horas semanais e que trabalha de segunda a sexta, o salário médio seria em torno de R\$ 2.272,00, o equivalente a mais de seis salários mínimos por mês.

Os números retratam, principalmente, o crescimento das faculdades

particulares no Estado, com a criação de novos cursos, e a perspectiva de salários atraentes para quem deseja ingressar no ensino superior.

Entre as profissões que estão bem cotadas no Estado e que proporcionam os melhores salá-

rios estão as da área da saúde como, por exemplo, medicina e enfermagem; área de petróleo e profissões recentes no mercado, como gastrônomos, gestores bancários e gestores de supermercado.

A consultora na área de economia da Petrobras Ana Paula Coelho, afirmou que apenas a formação superior não basta para conseguir um bom emprego.

“Além da graduação em Economia, fiz pós-graduação em Gestão de Petróleo e Gás e falo inglês fluente, pois morei um tempo no exterior. Hoje sei que ganho acima da média dos profissionais da minha área, mas nem por isso penso em estagnar. Quero crescer sempre”.

Já a dermatologista Martina Dall'Horto acredita que a área escolhida irá proporcionar um futuro promissor. “Me formei há um ano e meio, estou numa área bem remunerada, mas pretendo ir muito além”.



Martina e Ana Paula são exemplos de sucesso na carreira com profissões de nível superior

## Cai nível de desemprego no Estado

O Espírito Santo foi o estado que registrou a maior redução no percentual de pessoas desempregadas em todo o Brasil, segundo dados da Síntese de Indicadores Sociais de 2005 e que foi divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em 2003 a taxa de desemprego no Estado era de 9,2% e em 2004 foi registrada em 7,4%, ou seja, uma queda de 1,8%.

De um modo geral, nas grandes regiões brasileiras, a taxa de desocupação de 2004 manteve o patamar de 2003, principalmente na região Nordeste. A região Sudeste apresentou o maior índice, com 10,5% das pessoas desempregadas, principalmente nos dois grandes centros do país, São Paulo e Rio de Janeiro.

Quando a pesquisa é dividida entre homens e mulheres, o resultado mostra que há mais emprego para os homens capixabas do que para as mulheres. O total de pessoas desempregadas do sexo masculino é de 5,9% contra 9,3% do sexo feminino.

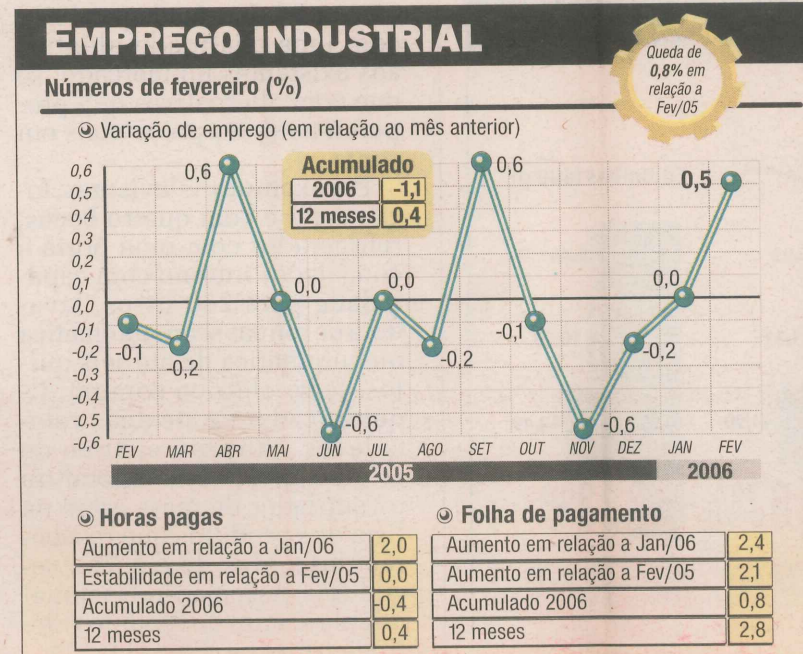
No item remuneração, as mulheres ainda recebem num patamar um pouco inferior ao dos homens.

## Indústria reage e abre vagas

O mercado de trabalho industrial começou a responder, ainda que timidamente, ao recente aquecimento da atividade do setor.

Em fevereiro, houve aumento de 0,5% no número de ocupados na indústria ante janeiro, no primeiro crescimento ante mês anterior após quatro meses de queda. Na mesma base de comparação, a massa salarial (folha de pagamento real) do setor cresceu 2,4%.

Isabella Nunes, economista da Coordenação de Indústria do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), observou que o emprego e salário na indústria, que mostraram desaceleração no ano passado, respondendo à perda de ritmo na atividade do setor no período, começaram a refletir agora o aquecimento da economia que vem ocorrendo desde dezembro.



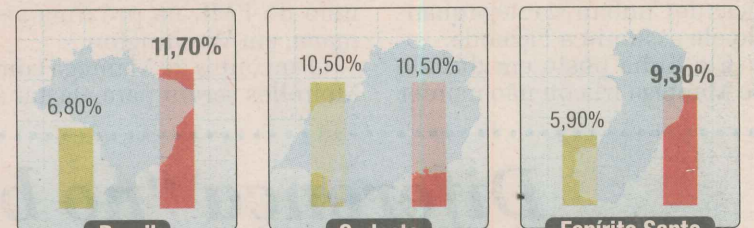
bandes Investindo no Espírito Santo.

Estevão/Editoria de Arte

## CONFIRA OS NÚMEROS



## Taxa de desemprego



## Renda leva para a escola

O número de crianças de sete a 14 anos no Brasil, há algum tempo vem mostrando uma tendência de universalização, com 97% das crianças freqüentando a escola. O problema é que quanto menor a renda, menor este índice.

Quando a análise é feita com crianças de zero a três anos, pouco mais de 13% freqüentam creches. No Espírito Santo, esse número é de 16,4%.

Apenas 9% das crianças dessa faixa etária pertencentes à camada cujo rendimento familiar per capita era de até meio salário mínimo (R\$ 150,00) freqüentavam um estabelecimento escolar. Ou seja, de cada 100 crianças nessa situação apenas nove estão em alguma creche.

Nas famílias de rendimento

mais elevado (mais de três salários mínimos por mês), a taxa ficou em 40%, revelando que independente da região, quando a situação sócio-econômica familiar é melhor, o acesso se torna mais fácil.

A defasagem escolar também é verificada na faixa dos 15 aos 17 anos tanto nos dados nacionais como no Espírito Santo.

No Brasil apenas 44% dos adolescentes desse grupo etário freqüentavam o ensino médio (no qual deveriam estar) em 2004. No Estado, esse número sobe para 50,3%, pouco acima da média nacional.

A estudante Márcia Helena Tenório, 19, que morava na Bahia, e está há pouco mais de um ano no Estado, diz que as condições encontradas aqui são melhores se comparadas à região Nordeste.

## Mulheres chefiam casas

A pesquisa “Síntese dos Indicadores Sociais 2005”, divulgada nesta quarta-feira pelo IBGE, mostra que 29,4% dos 56,1 milhões de famílias brasileiras eram chefiadas por mulheres em 2004.

Segundo o IBGE, a maior proporção de chefia feminina se dava na faixa dos 60 anos para cima (27,4%). Já entre os homens, 35,3% dos responsáveis pela família tinham entre 25 e 39 anos naquele ano.

Das famílias que tinham chefia masculina, 25,1% viviam com um rendimento familiar de até meio salário mínimo per capita, enquanto nas chefiadas por mulheres essa proporção subia para 29,6%.

A região Nordeste foi a que apresentou o maior número de famílias chefiadas por mulheres, destacando-se o estado de Pernambuco com 31,6%. A região Norte, por sua vez, apresentava o maior percentual de mulheres chefes sem

cônjuge com todos os filhos menores de 14 anos (30,4%).

A pesquisa mostra que 90% das mulheres brasileiras trabalham fora e ainda cuidam dos afazeres domésticos, que as mantêm ocupadas por mais 4,4 horas diárias.

A dupla jornada é mais pesada na região Nordeste, onde as mulheres gastam mais horas no trabalho doméstico. Na outra ponta, as mulheres do Distrito Federal são as que dedicam menos tempo aos afazeres do lar.

De acordo com o IBGE, o homem vem aumentando sua participação nas atividades domésticas. Em 2004, 46,3% dos que trabalhavam fora também cuidavam da casa. No entanto, eles gastavam apenas mais duas horas diárias para executar os serviços.

Segundo a pesquisa, apenas 3,9% das mulheres ocupadas estavam em cargos de direção em 2004.